

EDUCAÇÃO e ————— TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

"EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA"
Revista do Instituto Politécnico da Guarda

Director: João Bento Raimundo

Redacção: Rua Comandante Salvador do Nascimento
Telef. 21634 6300 GUARDA

Propriedade: Instituto Politécnico da Guarda

Execução Gráfica: Secção de Reprografia do IPG

Depósito Legal Nº 17.891/87

Reprodução total ou parcial proibida

Nº VI / Fevereiro de 1990

Scientia lucet omnibus

Com a presente edição, "*Educação e Tecnologia*" entrou no terceiro ano de existência e, simultaneamente, na década de noventa.

Publicação que tem acompanhado e reflectido o crescimento, progressivo, do Instituto Politécnico da Guarda, esta Revista é já hoje a certeza de um desafio ganho em termos editoriais, científicos, pedagógicos e culturais.

Integrada numa das várias vertentes da acção do Instituto Politécnico, "*Educação e Tecnologia*" tem-se afirmado como pólo aglutinador de múltiplas participações e colaborações, algumas oriundas de estabelecimentos de ensino superior inseridos no quadro da cooperação interuniversitária europeia.

Entendemos que este projecto é bem o símbolo da abertura às realidades hodiernas e "forum" de um diálogo multifacetado sob a trave mestra deste Instituto: "*Scientia lucet omnibus*".

Aliás, as modificações resultantes de toda uma dinâmica ao nível económico e social, que se vêm registando no distrito, têm merecido uma particular atenção ao Instituto Politécnico da Guarda.

Como exemplo podemos referir a proposta, já apresentada oficialmente, de novos cursos — de que a região carece — para o próximo ano lectivo, cursos que se vêm juntar ao leque dos já existentes. Por outro lado, há todo um trabalho de organização e implementação de projectos subjacentes às duas Escolas Superiores que integram o I.P.G..

Factor de desenvolvimento regional, o Instituto Politécnico da Guarda tem nesta publicação um alicerce seguro de um vasto trabalho de informação, divulgação e reflexão.

João Bento Raimundo

Presidente da C. I. do
Instituto Politécnico da Guarda

ASPECTOS LÚDICO-FESTIVOS DO CASTANHEIRO E DA CASTANHA

Cameira Serra*

1. - O CASTANHEIRO, A CASTANHA E A FESTA

Ao longo do ano existe um conjunto de práticas festivas e lúdicas nas quais a castanha desempenha papéis bem definidos. Ela está nitidamente relacionada com o aparecimento do Novo Ano, das próximas sementeiras, da necessidade que os primeiros homens tinham de procurar a acção benéfica do sol e da água, propiciadora de boas colheitas.

Muitas das festas ancestrais relacionadas com a castanha, tendo suportado a acção sublimadora e constrangedora da cristianização, ainda vão perdurando, aqui e ali, com forma mais ou menos genuína. Todas estas práticas festivas apresentam sempre características de culto, de manifestações colectivas de representação que antecedem as sementeiras ou sucedem às últimas colheitas agrícolas, acompanhando o desenrolar cíclico das estações do ano.

Para os nossos antepassados, escreve Johan Huizinga, "a alternância das estações é representada pelas figurações do nascimento e do ocaso dos astros, do crescimento e da maturidade dos cereais, do nascimento, da vida e da morte do animal"⁽¹⁾. A humanidade joga, segundo a expressão de Léo Frobenius, a ordem da natureza, tal qual ela a concebe.

Em épocas recuadas, ainda de acordo com Frobenius, "os homens tomaram primeiro consciência do mundo animal e vegetal, para adquirirem em seguida a noção da ordem do tempo e do espaço, dos meses e das estações, do movimento do sol. Assim

* Prof. Adjunto da E.S.E.G.

(1) - Johan Huizinga, *Homo Ludens. Essai sur la fonction sociale du Jeu*, Gallimard, Paris, 1951, pp. 38 e 39.

eles jogam sob a forma dum jogo sagrado esta ordem completa da existência. E neste jogo e através dele, os homens realizam de novo os acontecimentos representados, eles ajudam à manutenção da ordem universal⁽²⁾.

O castanheiro aparece-nos ligado ao culto do sol e do fogo, ao passo que a castanha está relacionada com o culto dos mortos. A árvore e/ou o fruto participam imprescindivelmente em actividades festivas nas quais os excessos e a orgia estão ainda presentes. A festa, dizem-nos Freud⁽³⁾ e Caillóis⁽⁴⁾, constitui um excesso permitido através do qual o individuo se encontra dramatizado e se torna o herói.

Nos ritos do Natal ou dos Reis, das Janeiras, dos Santos e Fiéis Defuntos, do S. Martinho e das Festas de Maio, observamos, sem dúvida, essa ultrapassagem das normas socialmente instituídas, aceitando-se como legítimos os excessos de ordem alimentar e erótica. Estas festas, estes divertimentos antigos, serviam para a sociedade estreitar os seus laços colectivos, para se sentir mais coesa, como escreve o historiador Philippe Ariés⁽⁵⁾. Esse papel social, acrescenta o autor, existindo em todos os jogos, era mais evidente nas festas sazonais, como as que a seguir abordaremos. Elas tinham lugar (e continuam a ter) em datas fixas e os seus programas seguem as regras impostas pela tradição. Estas práticas rituais interessavam a toda a sociedade, independentemente da idade, sexo ou importância social. Deste modo, as crianças e os jovens desempenhavam, nestas ocasiões festivas, um papel importante que a tradição lhes destinava⁽⁶⁾.

Veremos como, não obstante o decorrer dos séculos, ainda podemos observar nas festas tradicionais as características a que Frobenius, Huizinga e Ariés aludiram.

O Castanheiro e a Fogueira de Natal

Na Noite de Natal (*Noite Boa* ou *Noite do Galo*) é costume realizar-se nas aldeias beirãs e transmontanas a "*Fogueira do Menino*".

Em terras de castanheiros, os rapazes que *iam às sortes* (ou *ao número*)⁽⁷⁾ transportavam cepos em carros de bois, *puxados à unha*, que amontoavam na praça da aldeia ou no adro da igreja. Esta demonstração de força é um autêntico rito de passagem à idade adulta, que ainda vigorava há poucos anos em Corujeira e

(2) - Léo Frobenius, "Kulturgeschichte Afrikas. Prolegomena Zu einer Historischen Gestaltlehre", Phaidonm Verlag, 1933, e ainda "Schicksalskunde im Sinne des Kulturwerdens", Leipzig 1932, in Johan Huizinga, *Homo Ludens*, op. cit., pp. 38 e 39.

(3) - S. Freud, *Totem et Tabou*, Paris, 1924.

(4) - Roger Caillóis, *O Mito e o Homem*, Edições 70, Lisboa 1972, pp. 24 e 25.

(5) - Philippe Ariés, *L'Enfant et la vie familiale sous L'ancien Régime*, Ed. Seuil, Paris, 1973, p. 69.

(6) - Id. *ibid.*

(7) - Nome que antes se dava às inspecções militares.

Mizarela (Guarda), Agular da Beira⁽⁸⁾, Soito (Sabugal)⁽⁹⁾ e Sabugueiro (Seia)⁽¹⁰⁾. Nesta última localidade, o transporte dos troncos, de pinheiro e castanheiro, era feito pelos rapazes, "às costas, de noite, a distâncias de 3 a 5km, por caminhos maus"⁽¹¹⁾.

Depois da Ceia da Consoada e da Missa do Galo, e logo que o fogo é aceso, com a ajuda de giestas, silvas, lenha miúda e, ultimamente, pneumáticos de automóvel, os moços dão vivas ao Menino e ao "juiz do madeiro"⁽¹²⁾, assam febras, bebem e cantam alegremente durante toda a noite. Um costume que a rapaziada mantém é o de bater nos cepos com longos cajados, "provocando labaredas e línguas de fogo, ao mesmo tempo que grita: Ó toco! Ó toco!"⁽¹³⁾. Aquilino interroga-se sobre o rito que poderá estar relacionado com esta "pancadaria despropositada(...) de par com surriadas bárbaras"⁽¹⁴⁾. As pancadas servem não apenas para atear a combustão do madeiro, mas também para fazer elevar até ao céu "miríades de ardentes faúlhas"⁽¹⁵⁾, para aquecer o Menino Jesus. Em Valhelhas (Guarda), há três décadas, fazia-se uma fogueira enorme, cujas chamas subiam mais alto que o campanário. Mantinha-se o lume durante vários dias, geralmente até ao dia de Reis, 6 de Janeiro. O juiz da fogueira dirigia o modo como os troncos eram dispostos no madeiro. Apenas com a sua autorização qualquer pessoa podia mexer no fogo, mesmo que fosse para acender um cigarro⁽¹⁶⁾.

Esta prática prende-se com antigos ritos solares. A enorme fogueira, ateadada anualmente antes das novas culturas, poderia simbolizar a acção que os homens primitivos esperavam do sol para aquecer a terra e fertilizar os campos.

Embora transformados e cristianizados por imposição da Igreja, estes ritos não conseguem esconder, na totalidade, as finalidades mágicas iniciais. Realizam-se na *Noite do Galo*, denominação que, na opinião de Moisés Espírito Santo⁽¹⁷⁾, poderá estar ligada ao facto de esta ave ser um "símbolo solar", que anuncia todos os dias, tendo a honra de ocupar o ponto mais alto da aldeia, isto é, o cata-vento inserido no pináculo da torre sineira.

(8) - Vide Fernando Jorge dos Santos Costa e João António de Sequeira Alves Portugal, *Agular da Beira. A História, a Terra e as Gentes*, C.M. Aguiar da Beira, 1985, p. 132.

(9) - In: José Manuel Lousa Gomes, *Memórias da minha Terra. Soito-Sabugal*, Ed. autor, 1985, p. 156.

(10) - Alberto Martinho, *Sabugueiro, uma aldeia da Serra da Estrela* I.S.C.P.V., Lisboa, 1972, p. 224.

(11) - Id., *ibid.*.

(12) - Como sucedia em Aranhas (Penamacor). Vide, a este propósito, Liga de Amigos de Aranhas, *Aranhas ontem e hoje. Monografia da evolução histórica, património etnográfico e usos e costumes*, ed. própria, pp. 75 a 77.

(13) - José Manuel Lousa Gomes, *op. cit.*, p. 156.

(14) - Aquilino Ribeiro, *O Livro do Menino-Deus*, Bertrand, Lisboa, 1983, p. 74.

(15) - Joaquim Manuel Correia, *Terras de Riba-Côa. Memórias sobre o Concelho do Sabugal*, Ed. autor, Lisboa, 1946, p. 61.

(16) - Alípio de Rocha, *op. cit.*, p. 204.

(17) - Moisés Espírito Santo, *A Religião Popular Portuguesa. A Regra do Jogo*; Edições, Lisboa, s/d., p. 43.

Luis Alvarellos, referindo-se ao "Lume Novo"⁽¹⁸⁾, na Galiza, considera-o um rito de fertilidade, já que os primitivos entendiam a associação da água e do calor necessária à reprodução das espécies e ao ciclo vegetativo das plantas.

Não restam dúvidas que o castanheiro, árvore paterna⁽¹⁹⁾, - robusta e viril mas protectora - acompanha estes ritos ancestrais. Aquilino lembra que, nas terras onde existem castanheiros, "o sacrifício propiciatório ao Fogo, ao Sol, ou ao Menino-Deus é feito com estes colossais e venerandos troncos"⁽²⁰⁾.

Também nos lares, para aquecer a família, reunida na refeição ritual da *consoada*, arde na Noite de Natal o maior cepo de castanho, em idêntico cerimonial, tão antigo decerto como o do *madeiro do Menino*. Acreditava-se, não há muito tempo, em muitas comunidades, que os tições e pedaços de carvão resultantes desse fogo possuiriam qualidades de "talismãs premonitórios contra trovoadas, andaços e o diabo à solta"⁽²¹⁾.

"Bom lume é meia manutenção", "com o lume não se brinca", e "o fumo vai para o lado dos mais bonitos" são alguns ditos populares que exaltam as propriedades mágicas do fogo, reminiscências de antigos cultos, perpetuados pelas fogueiras rituais do Natal, dos Santos e do S. João.

O "Magusto da Velha" em Aldeia Viçosa

Volvido o Natal, festeja-se anualmente em Aldeia Viçosa (Guarda), em 26 de Dezembro, o tradicional "Magusto da Velha".

À tarde, enquanto o madeiro do Natal ainda fumeja, os homens içam vários sacos de castanhas para a plataforma da torre sineira. A população vai-se aglomerando no largo da Igreja, ao qual afluem muitos forasteiros atraídos pelo divertimento.

Depois de ter bebido uns copitos, tiradas as botas, o *Ti Passarinho*⁽²²⁾ subia ao pináculo da torre. Daí, muito próximo do galo do cata-vento, lança alguns foguetes e umas mãos-cheias de castanhas. É o início da festa.

Cá em baixo, no terreiro, serve-se vinho a toda a gente, começando pelos visitantes, depois pelos mais velhos e logo a seguir pelas mulheres que, por ser em público, só aceitam meio

(18) - Luis Carré Alvarellos, "O Lume novo e outros Lumes rituais", in: *Actas do Congresso Internacional de Etnografia*, promovido pela C. M. Santo Tirso, Jul. 1983, Imprensa Portuguesa, Porto, pp. 21 a 27.

(19) - Id., *ibid.*

(20) - Aquilino Ribeiro, *O Livro do Menino-Deus*, op. cit., p. 74.

(21) - Id., *ibid.*, p. 75. Vários alunos da extinta Escola Normal de Educadores de Infância narraram-me esta superstição, na qual os mais idosos ainda acreditam, e que os jovens por vezes usam como divertimento.

(22) - *Sexagenário* esgulo, o único que conseguia trepar ao cimo da torre. Todavia, nos últimos dois anos, embora o *Ti Passarinho* o desejasse, as pessoas já não lhe permitiram nova demonstração de agilidade, dados os perigos da empresa.

copo de cada vez"⁽²³⁾.

Da plataforma da torre são atirados "à rebatina" grandes punhados de castanhas, que os moços e homens casados apanham do solo. Porém, neste *jogo da cavalada*, todos podem saltar para o dorso dos que se baixam a recolher as castanhas.

No final da tarde, o magusto encerra a festa, com o rebentar das castanhas a substituir a troada dos foguetes.

Esta curiosa tradição remonta a 1698 e deriva de uma obrigação contraída pela Igreja da antiga Vila do Porco, hoje Aldela Viçosa, em virtude de uma doação feita por uma senhora abastada, a "velha". Foi sua vontade que o povo, um dia no ano, pudesse comer castanhas e beber vinho. No final da festa, todos deveriam agradecer-lhe, rezando um Padre Nosso por sua alma.

Luciano Cardoso, numa das suas pesquisas sobre este rito curioso, encontrou no "*Livro de Usos e Costumes da Igreja de Porco-Anno de 1698*", no verso da folha 2, a "*Obrigação que têm os Parocos nesta Ig.^{ra}*", que reza o seguinte:

"Tem obrigaçsão de dar em a p^a octava de Natal sinco meos de castanha e sinco Alqueires de v^o. pella Alma de hua velha q^e. deixou noventa e feis Alqueires de senteo a esta Ig.^{ra} impostos na quinta do Lagar de Azette p^a. q^e com esta castanha e v^o: se fizefse no mesmo dia hum magusto e todos dep^s. dele comefsem a rezar na Ig.^{ra} hum padrenofso pella sua Alma . O povo tem dado esta esmolla a Confraria do Santifsimto Sacramen.^{to} e nos domingos tezeiros a misa dest^e se reza hum Padrenofso pello Povo pella Alma desta velha que pede o Capellão quando diz misa"⁽²⁴⁾.

Da velha senhora não se conhece o nome. Quando as crianças o querem saber, os rapazes levam-nas ao rio e mandam-lhes encostar o ouvido à "Laje da Velha", no caminho das poldras, e formular a pergunta. "As ingénuas crianças não põem em dúvida a palavra dos companheiros finórios, confundindo a resposta com o murmurinho das águas do Mondego "⁽²⁵⁾.

Os Magustos dos Santos

Logo que a castanha começa a pingar, os rapazes e as raparigas, ou os amigos e familiares de qualquer idade, combinam um magusto, isto é ⁽²⁶⁾, uma refeição colectiva de castanhas, assadas ao ar livre, geralmente nos pinhais,

(23) - Luciano Cardoso, "Um texto inédito sobre o Magusto da Velha", in: *Revista Altitude, Assemblcia Distrital da Guarda*, n.º 9/10 Agosto 1983/Jan. 1984, pp. 85 a 88.

(24) - Idem, *ibidem*.

(25) - Carmelita Serra e Pires Veiga, "Lendas e Tradições do Distrito da Guarda. O Magusto da Velha em Aldela Viçosa", in: *Rev. Altitude, Assemblcia Distrital da Guarda*, n.º 7/8, Dez. 1982/Março 1983, pp. 157 a 159.

(26) - Desconhece-se a etimologia da palavra *magusto*, tal como do vocábulo castelhano *magosto*. Cf. José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Ed. Horizonte, 3ª Edição, Lisboa, 1977. Segundo o autor, o vocábulo já era usado no séc. XVI: "...como se achava em um magusto de ruíões ...", *Lírica*, Carta IV.

utilizando caruma⁽²⁷⁾ ou giestas. Em algumas terras, os primeiros *magustos* têm lugar nos finais de Outubro, logo que haja "castanha nova". Costuma dizer-se em muitas aldeias da Beira que, "no dia de S. Simão (28 de Outubro), quem não faz um magusto não é cristão".

O magusto proporciona invariavelmente alegres momentos de convívio, quer pelo estouro inesperado das castanhas, quer pela utilização, algo desregrada, do vinho, jeropíga ou aguardente.

Quando as castanhas se encontram quase assadas, costuma ter lugar a brincadeira de *molhar o ramo* ou *molhar o vassouro*. Os rapazes destinam a partida a um dos mais novos e incautos, convencendo-o que se torna necessário burrifar as castanhas com água, utilizando um ramo de giestas, o *vassouro*. Para o efeito é preciso ir molhar os ramos bem longe, pelo que, quando a vítima da brincadeira regressa, já as castanhas estão quase todas comidas ...

No final, os participantes divertem-se enfarruscando as faces uns aos outros, ficando alguns deles como autênticos *entrudos*, como se se vivesse um carnaval antecipado. No dia dos Santos o magusto terminava obrigatoriamente quando o sino tocava para o *compasso das almas*. Todavia, actualmente, esse toque realiza-se apenas no dia seguinte, isto é; no dia de Finados.

Embora possam ocorrer noutras datas, os *magustos* mais costumeiros acontecem no Dia de Todos-os-Santos e no S. Martinho (1 e 11 de Novembro, respectivamente), constituindo os segundos uma espécie "de prolongamento especial das celebrações dos Santos"⁽²⁸⁾.

Ernesto Velga de Oliveira⁽²⁹⁾, que considera os magustos como refeições cerimoniais de castanha nos Santos, menciona curiosos ritos que antecedem ou acompanham o *magusto*. Assim, em Quintanilha (Trás-os-Montes), "os rapazes vão buscar ao monte um carro que eles próprios puxam, ao mesmo tempo que as raparigas fazem pelo povo um peditório de vinho e castanhas, que depois cozem inteiras, em grandes caldeiras de cobre"⁽³⁰⁾. À noite acendem uma fogueira no largo maior da aldeia, e junto a ela, cantam, brincam, jogam a *busca-três*, comem as castanhas e bebem o vinho. No final, os namorados enfarruscam-se e atiram uns aos outros com a papa das castanhas mastigadas. A brincadeira cessa quando o sino toca para se rezar pelos defuntos.

Na localidade transmontana de Paradinha de Outeiro, segundo o mesmo autor, as raparigas em vez de pedirem as castanhas, vão apanhá-las aos soutos, cozem-nas, põem-nas em

(27) - O vocábulo *caruma* refere-se aqui às folhas ou agulhas dos pinheiros. Também por vezes se atribui o nome de *caruma* à casca exterior das castanhas verdes e tenras. Cf. Dicionário Lello & Irmão, vol. I, p. 483.

(28) - Ernesto Velga de Oliveira, *Festividades Cíclicas em Portugal*, Publicações D. Quixote, Lisboa 1984, p. 193.

(29) - Id., *ibid.*, pp. 179 a 191.

(30) - Id., *ibid.*

cestos e percorrem as casas da aldeia, distribuindo-as pelos moradores, ao mesmo tempo que os rapazes oferecem o vinho.

Em todo o distrito de Bragança, costuma ter lugar no dia dos Santos o *Pau das Almas*, costume em tudo idêntico ao que acontece na Beira, na Noite de Natal, e que atrás descrevemos. Os rapazes de cada aldeia vão ao monte buscar um carro de lenha e puxam-no eles próprios até à povoação, vendendo a carga em hasta pública, revertendo o dinheiro obtido para missas pelas almas do Purgatório.

Estas tradições dos Santos estão associadas às celebrações do Dia dos Fiéis Defuntos ou dia de Finados, que acontece precisamente no dia seguinte (2 de Novembro). Devem prender-se com ritos ancestrais que, segundo J. E. Frazer⁽³¹⁾, os celtas já praticavam, como festejos do princípio do ano céltico, que era no Dia dos Santos. Nestes festejos as fogueiras tinham um papel importante, bem como as avelãs, a que atribuíam faculdades divinatórias.

Os *magustos dos Santos* revelam uma ligação dos magustos com o culto dos mortos, como defende Leite de Vasconcelos⁽³²⁾. Também Alvarellos, referindo-se aos magustos dos Santos, na Galiza, relaciona-os com fogos que os primitivos acendiam "para aquecer os mortos", ou, como se dizia há algumas décadas, "para chegar o lume às almas". Em Tuy e Cervantes, refere este autor, deixava-se na noite dos Santos uma tocha acesa na lareira, "para se aquecerem as almas dos antepassados"⁽³³⁾...

Na Galiza como em Portugal, estes costumes pagãos, cujas raízes se perdem, muitas vezes, no longínquo neolítico, foram alvo de proibições constantes da Igreja, que os foi transformando e cristianizando.

No que diz respeito às castanhas, se actualmente já não se oferecem *por mor dos Santos* (ou *das Almas*), não vai muito distante o hábito de a família de um defunto oferecer de comer (a *jantada*) a todos os que iam ao funeral. "Quase todos punham pão e queijo para quem quisesse entrar e comer. Geralmente fazia-se sopa de grão e arroz-doce nos enterros das crianças"⁽³⁴⁾.

Também ofereciam esmolas, quer em moedas, que todos tinham de aceitar - costume que ainda vigora em grande parte das aldeias da Beira Interior - quer em pão, geralmente na missa do 7º dia, ou na de corpo presente. Era costume nestas alturas cozer uma fornada de pão centeio que era partido em fatias" ⁽³⁵⁾e

(31) - Citado por Ernesto Veiga de Oliveira, op. cit., p. 181.

(32) - J. Leite de Vasconcelos, *Estudos de Filologia Portuguesa*, Col. Brasileira de Filologia Portuguesa, Livros do Brasil, Lisboa, 1961, pp. 7 a 13.

(33) - Luis Carré Alvarellos, op. cit., pp. 109 a 126.

(34) - António Cerca, *Ritos da Morte em Casal de Cirza*, ADJTL, Guarda, 1987, p. 24.

(35) - Id. ibid.. No Ferro (Covilhã), nos mesmos dias, as famílias abastadas davam aos pobres um pãozinho redondo, geralmente de centeio, denominado *santoro*. Não confundir com o pão achatado que os padrinhos ofereciam aos afilhados nos Santos e se chama geralmente *folar*, *afolar*, *santoro* ou *bicas*. Cf. Maria da Ascensão G. Carvalho Rodrigues-Ferre. *Cova da Beira*, Ed. Autor, 1982, p.174.

oferecido a todas as pessoas. Quem não tinha precisão dele, dava-o aos pobres.

No dia dos Santos era usual na região beirão os padrinhos oferecerem o *santoro* (também conhecido por *bicas*, *folar* ou *afolar*) aos afilhados. Em Sortelha (Sabugal), "davam *magustos* de castanhas e bicas"⁽³⁶⁾, sendo estas, pães compridos e achatados, com cerca de 40 cm de comprimento, 15 de largura e 2 de espessura, pincelados com azeite.

Os Magustos do S. Martinho

O Dia de S. Martinho é dos folgazões. Os homens vão percorrendo as adegas dos amigos, para provar o vinho novo e, bem cedo, começam a andar alegres. Como diz o ditado:

"Pelo S. Martinho,
Vai à adega e prova o vinho
E zanga-te com o teu vizinho".

Em algumas aldeias é costume parodiar o *enterro de S. Martinho*, através de um cortejo com alocução alusiva às virtudes éticas e façanhas dos *acólitos da mordomia ou irmandade de S. Martinho*.

No Rabaçal (Meda) o *enterro de S. Martinho* era constituído por uma procissão em que tomavam lugar, à frente, o "pai" e a "mãe" do santo, bem como o "padre", personagem indispensável para proceder ao *sepultamento*. Consistia este em enterrar num determinado local um *mono* de palha, perante os *choros* e *chistes dos irmãos de S. Martinho*⁽³⁷⁾.

Na noite anterior, ou seja, de 10 para 11 de Novembro, os rapazes de Moreira de Rei (Trancoso) realizavam a *corrida de S. Martinho*, que marcava o início do rebusco das castanhas. Para o efeito, muniam-se de campainhas, chocalhos e latas velhas e, no meio de grande algazarra, percorriam as casas da povoação, acordavam os moradores e pediam-lhes castanhas, dizendo:

"S. Martinho ribeiro,
Morra a manca
E viva o serralheiro"⁽³⁸⁾.

Idêntica assuada nocturna acontecia na mesma data no Pocinho (Vila Nova de Foz Côa)⁽³⁹⁾ e em Belmonte, onde se donominava *correr a lata*.

(36) - Victor Manuel Leal Pereira, *A Antiga Vila de Sortelha, Aldeia-Museu de Portugal*, Ed. Autor, Castelo Branco, 1979, p.63.

(37) - Informação do Sr. Manuel de Deus Proença, 65 anos, natural de Rabaçal, residente em Moreira de Rei (Trancoso), 1989. Sobre esta tradição, ler ainda Júlio António Borges, *Mata de Lobos*, Monografia, Ed. autor, 1989, pp. 381 a 383.

(38) - Segundo a informação prestada pelo Sr. António Maurício Amaral, 66 anos, natural de Moreira de Rei, 1989.

(39) - Ernesto Veiga de Oliveira, op. cit., pp. 199 e 200.

Veiga de Oliveira⁽⁴⁰⁾ reconhece uma estreita semelhança entre estes usos beirões e a *festa dos rapazes* que, em datas diferentes - geralmente no dia de Santo Estêvão, a 26 de Dezembro, e seguintes - decorrem em várias aldeias do nordeste transmontano. O Abade de Baçal, Lourenço Fontes e Jorge Dias, em alguns dos seus escritos, fazem uma narração elucidativa destes ritos dos moços transmontanos. Jorge Dias⁽⁴¹⁾ considera estas manifestações juvenis como ritos de iniciação, ou de passagem, integrando práticas colectivas de representação, com danças, chocalhadas, comédias e refeições cerimoniais onde a castanha é o único alimento existente, ou preponderante.

É desde o S. Martinho até ao entrudo que geralmente tem lugar a *mataiça* ou *matação do porco* :

"*Pelo S. Martinho
Mata o teu porquinho,
Mas se ele não quiser,
Mata (-lhe) a mulher*".

Neste dia não faltam os magustos ("*pelo S. Martinho faz o teu magustinho*"), semelhantes aos dos Santos. Porém, os magustos de S. Martinho são mais reinadios, pois prova-se o vinho, a jeropiga e a água-pé da última colheita. "*Pelo S. Martinho, lume, castanhas e vinho*", diz o povo, para celebrar esta união entre as castanhas e o vinho novo.

As Janeiras, os Reis e as Castanhas

As *janeiras* eram cantadas à noite, de casa em casa, entre o Dia do Ano Novo e o Dia de Reis (6 de Janeiro)⁽⁴²⁾. "Grupos de rapazes e raparigas, agasalhados com grossas samarras e negros *xaltes* - que as noites são gélidas - vão de porta em porta cantando bonitas quadras, dedicadas a cada um dos elementos do lar (e até criados e visitas), pedindo *filhoses* , chouriças, nozes, castanhas..."⁽⁴³⁾:

"*Inda agora aqui cheguei,
Mal pus o pé na escada;
Logo o meu coração disse:
Aqui mora gente honrada!...*"

No Ferro (Covilhã),⁽⁴⁴⁾ os janeireiros, no final, cantavam uma quadra a recordar os defuntos da família e rezavam um Pai

(40) - Id. *ibid.*

(41) - Jorge Dias, *Rito de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril*, Ed. Presença, Lisboa 2ª Ed., 1977, 1981, pp. 177-180, 191, 192 e 329

(42) - No Ferro (Covilhã), "os janeireiros - crianças, rapazes e homens - iniciam a sua actuação na Noite de Natal, continuando-a nos dias santos seguintes e suas vésperas para terminarem no Dia de Reis", in: Maria da Ascensão Gonçalves Carvalho Rodrigues, op. cit., p. 180.

(43) - Cf., Carneira Serra, Usos, costumes, tradições e valores tradicionais da Beira Interior, *Commun. apres. no I Seminário de Verão*, U.B.I., Covilhã, 1983.

(44) - Maria da Ascensão Gonçalves Carvalho Rodrigues, op. cit., p. 63.

Noosso, costume já em desuso.

Os donos da casa eram quase obrigados a dar alguma peça do enchido ou frutas secas, para não passarem pela "desonra" de lhes cantarem as "barbas de farelo":

"*Cantemos e recantemos,
Tornemos a recantar,
Estes barbas de farelo
Não têm nada p' ra nos dar...*"⁽⁴⁵⁾

No concelho do Sabugal cantavam-se as janeiras sobretudo no 1º de Janeiro e no dia de Reis. "Depois de terem feito boa colheita, fazem os rapazes e raparigas grandes magustos e dançam animadamente ao ar livre"⁽⁴⁶⁾.

Pinheiro Chagas, na sua História de Portugal, afirma que o *canto das janeiras*, após cristianizar-se, veio assumir em muitos locais a designação de *cantar dos Reis*.

Todavia, segundo este autor, em qualquer dos casos "o povo festeja afinal o velho Jano dos Romanos, ou antes, festeja o princípio do ano novo"⁽⁴⁷⁾.

As Festas de Maio e as Castanhas

As festas de Maio compreendem diversas consagrações florais, com giestas e outras flores. Em várias localidades da Beira Baixa as *maias* (coroas ou ramos de flores) são colocadas à porta de casa para "não entrar o maio"⁽⁴⁸⁾. Noutras comunidades das Beiras o maio é personificado por rapazes vestidos de giestas, que vão de casa em casa pedir castanhas ou dinheiro⁽⁴⁹⁾.

As castanhas são, em grande número de terras, o manjar cerimonial das *maias*, para o maio não entrar no corpo, para o burro não morder, para não acontecer coisa má, etc..⁽⁵⁰⁾ Em Moreira de Rei (Trancoso), às castanhas piladas chamavam *maias*, comendo-se na noite do 1º de Maio, "para não entrar o burro"⁽⁵¹⁾.

Em Mosteiro de Penaverde (Aguilar da Beira), é costume no 1º de Maio enganar os vizinhos e amigos com qualquer patranha inventada de momento. Os alvejados, para se defenderem, trazem consigo castanhas piladas, que têm a propriedade de afugentar o

[45] - Quantas vezes o conteúdo dessas quadras é ainda mais acintoso para os donos da casa...

[46] - Joaquim Manuel Correia, op. cit., p. 63.

[47] - Pinheiro Chagas, *História de Portugal*, 3ª Edição, Empresa de História de Portugal, Lisboa, vol. II, 1989, pp. 589 e 590.

[48] - Ernesto Veiga de Oliveira, op. cit., pp. 96 a 111.

[49] - Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. VII, pp. 137 e 138.

[50] - Ernesto Veiga de Oliveira, op. cit., pp. 96 a 111.

[51] - Informação do Sr. António Maurício Amaral, 66 anos, Moreira de Rei (Trancoso), 1989.

logro e o *maio*⁽⁵²⁾.

Esta virtude das castanhas é salientada também por Consigliéri Pedroso ao referir que, em determinadas localidades, quem no 1º de Maio não comer uma castanha *pilada* antes do nascer do sol, *entra-lhe o maio no corpo*. "Por isso é costume de algumas pessoas ficarem com a castanha de véspera, na cama, para a comerem logo que acordarem"⁽⁵³⁾.

Em *Famalicão* da Serra era costume comer-se *paparote*, ou caldo de castanhas piladas, no dia 1 de Maio.

As castanhas que aparecem fora de época, ou são *piladas* ou conservadas em terra ou areia, encerradas numa panela. Em Casal de Cinza (Guarda), as castanhas eram tão cobiçadas, que os rapazes as conservavam, introduzindo-as em escavações profundas e estreitas, as *minas*. Meses depois, recuperavam-nas e faziam uma agradável surpresa aos amigos e às raparigas, convidando-os para um magusto⁽⁵⁴⁾.

A provisão de castanhas *piladas*, ou conservadas por outro processo, era tão grande, que estes frutos duravam até ao Verão, consumindo-se na Páscoa ou 1º de Maio.

No Dia de Páscoa, quando o senhor Prior vai recolher o *foliar* a todas as casas, o rapazio instalava-se por baixo dos balcões das residências e gritava: "Aleluia, aleluia, castanhas p' ra rua".

E aí de quem não lhes atirasse as castanhas piladas à *rebatina*. Era apelidado "unhas de fome" ou davam-lhe outros epítetos nada agradáveis. No Ferro (Covilhã), nas casas que não ofereciam rebuçados, amêndoas, nozes ou castanhas *piladas*, as crianças gritavam "Aqui é o Inferno! Aqui é o Inferno!"⁽⁵⁵⁾.

E a pequenada, com a sua irreverência, enquanto o prior entrava às casas, durante a visita pascal, exclamava:

"*Pat nosso que estais no Céu,*

Castanhas secas para o meu chapéu".

Em Trancoso, as *maias*, ou castanhas piladas, eram lançadas do cimo da Igreja de Santa Maria da Torre, no dia 1 de Maio. O sacristão atrava-as aos punhados, para um lado e para o outro, enquanto os rapazes, cá em baixo, as procuravam apanhar. Este costume estava em voga há 40 anos, mas já hoje não se realiza⁽⁵⁶⁾.

(52) - Ana Maria Gomes, *Levantamento do Meio - Mosteiro de Penaverde* (Aguilar da Beira), ENEIG, 1983.

(53) - Consigliéri Pedroso, "Contribuições para uma mitologia popular portuguesa", in: Pinheiro Chagas, *História de Portugal*, vol. II, pp. 589 e 590.

(54) - Informação fornecida pelo prof. Álvaro Lopes de Carvalho, em 1987.

(55) - Maria de Ascensão G. Carvalho Rodrigues, op. cit..

(56) - De acordo com a informação que colhemos em Trancoso, em 1989, do Sr. Fernando Dias Ferreira, de 72 anos. Ernesto Veiga de Oliveira, op. cit., p. 102, refere também esta tradição trancosense, infelizmente já em desuso. De início, ao lermos a referência deste autor, pensávamos tratar-se de uma possível confusão com o *Magusto da Velha*, de Aldete Viçosa, anteriormente descrito. O sr. Fernando Dias Ferreira ainda viu o sacristão, Sr. Flor, lançar as "malas" (castanhas piladas) da torre sineta da igreja de Santa Maria, há cerca de 4 décadas.

Deverá ter tido origem na doação que a antiga Condessa de Povolide fez à freguesia de Santa Maria (Trancoso), em data que não podemos precisar. De qualquer forma, trata-se de um cerimonial em tudo idêntico ao do "Magusto da Velha", que anualmente acontece em Aldeia Viçosa (Guarda), no dia 26 de Dezembro, e atrás descrevemos.

2. - AS CASTANHAS E OS BRINQUEDOS Os Brinquedos Naturais e Artesanais

Há duas ou três décadas escasseavam os brinquedos comercializados, especialmente nos meios rurais. Os objectos de papelão, chumbo e folha de flandres, não eram acessíveis a qualquer bolsa. Nas feiras, os pais compravam brinquedos de madeira, geralmente *articulados*, e objectos de barro, sobretudo instrumentos musicais de sopro (pifaros, galos, pintainhos, etc.).

Nesses tempos, as crianças brincavam especialmente com materiais (paus, pedras, areia), frutos (castanhas, nozes, avelãs, bolotas, abóboras, pinhas, maçarocas de milho), folhas e bugalhos, colhidos directamente da natureza. Com folhas, frutos, paus e pequenos cacos, ainda hoje jogam às *castanhas*, representando cenas da vida doméstica.

Entregues aos seus próprios meios, os petizes dos povoados rurais movimentam-se sem restrições por toda a aldeia e campos limítrofes, podendo assim recolher directamente esses materiais lúdicos. Com eles, ou jogam imediatamente, ou confeccionam objectos mais ou menos elaborados, que servem de suporte aos seus jogos de ficção.

Os Brinquedos Construídos pelas Crianças

A manufactura dos próprios brinquedos é já um jogo de construção, que desenvolve a habilidade manual, a criatividade e o amor pela obra produzida. Depois de feito, o brinquedo permite o aparecimento do jogo simbólico, cujas virtudes, tão enaltecidas por Piaget, são hoje reconhecidas pela maioria dos educadores.

Conjuntamente com nozes, bolotas, bugalhos, paus, cortiça e casca de pinheiro, as castanhas são, no período em que abundam, dos objectos lúdicos mais utilizados.

Delas nasce, após singelas operações (e com ajuda de fósforos, palitos, arame, lã...) quase tudo o que a criança idealiza: vacas, ovelhas, ratos, caras de bonecas, mesas, cadeiras. Os ouriços, por sua vez, servem para os miúdos manufacturarem insectos e porcos-espinhos, enquanto que, com castanhas e pedaços de casca, as raparigas concebem bonitos quadros, onde o castanho realça sobre um fundo branco de linho, representando geralmente flores silvestres. Alguns destes quadros ainda hoje

decoram as velhas casas de granito das aldeias da Beira.

De um rebento tenro de castanheiro, os rapazes fazem um dos brinquedos mais apreciados: O *assobio* ou *zorra*⁽⁵⁷⁾ que, mediante o sobe e desce do pau, produz diferentes tonalidades sonoras. O modo de fabrico do assobio é o seguinte:

1º Corta-se um pequeno pau de um rebento de castanheiro, com pouco mais de um palmo de comprimento, sem nós, e com a grossura de um dedo médio.

2º A cerca de mão travessa duma das extremidades, dá-se-lhe na casca um corte, a toda a volta, usando uma faca bem afiada.

3º Segurando-se o pauzinho pela extremidade junto da qual o corte foi feito, fricciona-se a casca em toda a zona superior ao corte, para mais tarde se puxar e tentar separar do pau.

O *assobio* utiliza-se do seguinte modo: pega-se na base do tronco e, colocando a parte superior do canudo de casca junto ao lábio inferior, vai-se soprando, ao mesmo tempo que se faz subir e descer o êmbolo de pau.

As varas de castanho servem ainda de instrumentos para outras práticas lúdicas e corporais: jogo do pau, *chuva* (também denominada *bilharda* ou *patetro*) e beto. Este último jogo, muito semelhante a um *baseball* rudimentar, esteve em voga, há duas décadas, em Escalhão e Mata de Lobos (Figueira de Castelo Rodrigo), Vale de Coelha e Miuzela (Almeida), Caria (Belmonte), Famalicão da Serra e em muitas outras localidades da Beira Interior. Jogou-se também na Guarda, nos anos quarenta, no antigo Campo da Feira, local onde actualmente está instalado o Centro de Formação Profissional. Referir-nos-emos pormenorizadamente a estes jogos em trabalho ulterior.

É importante voltar a valorizar a auto-construção de brinquedos simples, bem como o uso imaginativo dos objectos lúdicos naturais, que constituem, afinal, um elo de ligação com o meio envolvente.

Tal como Leif e Brunelle, pensamos ser urgente "reaprender a jogar" e, mais que tudo, "reabilitar o jogo", desvalorizado pela escola e pela família⁽⁵⁸⁾.

O jogo, assevera-nos Rubinstein⁽⁵⁹⁾, é sempre uma actividade e, além disso, "uma actividade pensante", como refere Liublinskaja, que serve para a criança "adquirir e precisar conhecimentos"⁽⁶⁰⁾.

Os brinquedos simples e pouco estruturados possibilitam,

(57) - J. Leite de Vasconcelos, nos seus *Estudos de Filologia Portuguesa*, ob. cit., refere que "as crianças fazem das vergõntas (do castanheiro), quase sempre cheias de seiva, umas galgas particulares".

(58) - Joseph Leif e Lucien Brunelle, *Le Jeu pour le Jeu*, Armand Colin, Paris, 1976. Ver ainda, a este respeito, Hugon - Derquennes, *Le Jeu Reiventé*, Edition Fleurus, Paris, 1977.

(59) - S. L. Rubinstein, *Princípios de Psicologia Geral*, Ed. Estampa.

(60) - A. A. Liublinskaja, *O desenvolvimento psíquico da criança*, Ed. Estampa, Lisboa, 1973, pp. 31 a 33.

decerto, uma gama de utilizações muito mais ampla que os objectos sofisticados, réplicas autênticas da realidade, impostas pelas técnicas mais evoluídas de *marketing*: pistas eléctricas, bonecas que fazem tudo, foguetões electrónicos, carros de bombeiros com mangueiras e escada articulada... Nestes, o lugar reservado à imaginação da criança é muito menor que nos brinquedos naturais, ou mesmo nos construídos directamente por ela.

Nas regiões onde os castanheiros abundam, as crianças aproveitam os frutos e os pequenos pedaços de tronco para construir os seus brinquedos. Como refere Michel Manson⁽⁶¹⁾, torna-se impossível fazer a história dos brinquedos e dos jogos sem a inserir na história social e económica.

Vencidos pelo poder dos circuitos económicos, que impuseram novos modelos, os antigos brinquedos, muitos deles milenários, estão em vias de desaparecer, mesmo nas comunidades agro-pastoris mais fechadas àquela influência.

3. - AS CASTANHAS E OS JOGOS

Jogo das Alhas Alhas (ou Alhos Alhos)

Jogo aleatório, outrora muito habitual durante os serões familiares passados junto à lareira. Era jogado por crianças, jovens e adultos de todas as idades.

Depois das castanhas assadas e descascadas, um dos participantes tirava do bolso um determinado número e colocava a mão fechada atrás das costas. O outro lançava-lhe o seguinte desafio:

- *Alhas, alhas, abre a mão e dá-mas!*⁽⁶²⁾

- *Se adivinhares quantas são, tuas serão...* — respondia-lhe o primeiro.

Se o número declarado fosse igual ao de castanhas agarradas, o que havia respondido ganhava-as. Em caso negativo, teria que pagar ao companheiro de jogo o número de castanhas correspondente à diferença entre o valor declarado e o real.

Após cada jogada, tinha lugar a troca de funções lúdicas: o que anteriormente segurou as castanhas passará a tentar adivinhar.

Podiam jogar todas as pessoas que estivessem sentadas em roda, frente à lareira; o que ganhava passava a jogar com o da direita, e assim sucessivamente.

(61) - Michel Manson, "L' Histoire des jouets devient sérieuse ...", in: Jeanne Demamme et al., *Jouets et Poupées dans les Musées Françaises*, C.E.R.P., Paris s/d., p.8.

(62) - Em Morcira de Rcí (Trancoso), um dos jogadores dizia - "*Palhas alhas, abre a mão e dá-lhas*", retorquindo o outro do seguinte modo: - "*Se sabes quantas são, tuas serão. É par ou ímpar?*"

Nota-se aqui uma simbiose entre o jogo das "alhas alhas" e o do "par ou ímpar", efectivamente muito semelhantes. Este fenómeno acontece, também, nas povoações das freguesias de Panoias e Santa Ana de Azinha (Concelho da Guarda).

Este jogo acontecia na altura das castanhas, em qualquer local ou ocasião: no logradouro escolar, no intervalo da escola, no balcão duma casa, entre os jovens, durante a *apanha* ou o *rebusco* e, como dissemos, ao serão.

É conhecido em quase todas as aldeias da Beira Interior, embora se vá jogando cada vez mais esporadicamente.

Jogo do Par ou Pernão

Jogo semelhante ao anterior, consistindo em adivinhar se o outro jogador tem na mão um número par ou ímpar de castanhas.

É uma modalidade do jogo universal do "par ou ímpar", conhecido desde a antiguidade e referido por Aristófanes, Aristóteles e Ovídio. Horácio designa-o com a expressão *ludere par impar*⁽⁶³⁾.

Acontece na altura das castanhas, das nozes, bolotas e bugalhos de carvalho, avelãs, etc.. As crianças, à falta de outro material, jogam-no com azeitonas, rebuçados e cromos.

Um dos jogadores lança o desafio ao outro e pergunta-lhe:

- É par ou pernão?

No caso de o que responde *atinar*, recebe uma castanha. Se não acertar, paga uma castanha (noz, avelã, etc.) ao companheiro.

Nos meios urbanos o par ou pernão é o conhecido jogo das moedinhas. Nalgumas aldeias da raia sabugalense, onde abunda o dinheiro proveniente de contrabando, é vulgar os homens jogarem elevadas quantias, tentando adivinhar se o número das notas é par ou ímpar.

Mais ou menos ingênuos, realizados a dinheiro ou não, estes jogos de azar têm as mesmas motivações que as actuais lotarias e jogos de casino, convertidos em verdadeiras instituições, geradoras de fortunas e de misérias, e mobilizadoras de variados interesses turísticos. Combatidos pelos moralistas e reprimidos pelas autoridades religiosas, policiais e judiciais, muitos dos antigos jogos de fortuna e azar foram desaparecendo. Segundo Jorge Crespo, "a solução foi encontrada no compromisso entre a legislação do jogo que era possível organizar e controlar pelas autoridades, com benefícios sociais assegurados, em particular no domínio da caridade e da beneficência, e a repressão acentuada das restantes áreas de subversão, as que implicavam consequências económicas próximas da corrupção e sem contrapartida no âmbito da assistência social"⁽⁶⁴⁾.

Jogo do Castelo de Castanhas, Pino de Castanhas ou Carambola

Foi também um jogo muito conhecido em toda a Beira, mas

(63) - René Alleau, *Dicionário de Jogos*, Inova, Porto, 1973, p. 376.

(64) - Jorge Crespo, "Os Jogos da fortuna e azar em Lisboa, em fins do Antigo Regime", *Revista de História Económica e Social*, 8, Jul/Dez 1981, p. 92.

que entrou paulatinamente em desuso, sendo actualmente difícil encontrar a petizada entretida na sua prática. Todavia, foi-nos descrito em várias aldeias dos concelhos de Guarda, Sabugal, Celorico e Trancoso.

É algo semelhante a muitos jogos de lançamento de chapas, moedas e pequenas pedras: *raíola, bicho, botão, pino...*

Cada participante levanta o seu *castelo* (*pino* ou *carambola*), colocando duas ou três castanhas achatadas sobrepostas. Os castelos ficarão dispostos em linha, a cerca de 3 metros da raia de lançamento.

Um dos participantes lança alternadamente uma castanha reboluda, tentando derrubar um dos castelos. Se o consegue, poderá jogar para outro, e sempre assim até perder, dando a vez ao seguinte.

Depois de todos os castelos arrasados, voltam a levantar novas *carambolas*⁽⁶⁵⁾ até se acabarem as castanhas.

Em França existe uma prática semelhante, mas do jogo do berlinde. Os participantes, em vez dos castelos de castanhas, erguem pirâmides com quatro berlindes: três na base, em triângulo, e outro em cima⁽⁶⁶⁾. Deve ter derivado do *jogo dos castelinhos*, praticado com nozes, que o conhecido pedagogo Celestin Freinet descreve como um dos folguedos da sua infância. Acontecia no Outono, "no momento da colheita quando, a seguir aos dias de chuva, os colmos e os caminhos estavam juncados de nozes frescas e húmidas. Enchíamos os bolsos delas e jogávamos aos castelinhos: três nozes em baixo, em triângulo, e uma quarta em cima, formando castelo. Atirávamos com uma noz grande. Todos os castelos que caíam eram ganhos" ⁽⁶⁷⁾. Era um jogo muito conhecido na Europa e reproduzido pelo célebre pintor flamengo Bruegel, "O Velho", em 1560, no famoso quadro "Jogos de Crianças".

O castelo de castanhas e os dois jogos que a seguir apresentamos são práticas mais ou menos competitivas que exigem habilidade, destreza, técnica, mas também intuição e astúcia.

Em face do exposto, seria positivo que os professores do ensino básico, na altura das castanhas, aproveitassem este manancial didáctico que a natureza põe à sua disposição. A construção de brinquedos e a organização de jogos, magustos e outros momentos de convívio podem revestir características indiscutivelmente pedagógicas.

(65) - Em Casal de Cinza (Guarda) as crianças dizem *carrambolas*.

(66) - In: René Alleau, op. cit., pp. 42 e 43. O autor menciona a modalidade que o tradutor denominou *a pirâmide*, jogada do mesmo modo que os castelos de castanhas e já aparece nos quadros de Bruegel, O Velho, no séc. XVI.

(67) - Celestin Freinet, *A Educação pelo Trabalho*, vol. II, Presença, Lisboa, 1974, pp. 74 e 75. O autor refere-se ao jogo que o tradutor da Obra de Alleau designou por *jogo da pirâmide*.

Jogo da Poceca, Pocinha, Castanha à cova ou Pocilga das Castanhas

É um jogo com um sem número de designações e variantes, consoante as localidades em que se pratica. Além de castanhas, podem utilizar-se outros frutos, tais como feijões, nozes, avelãs e bolotas, sem que a finalidade e o desenvolvimento do jogo se alterem. A única mudança nestes casos verifica-se na denominação do jogo. Com castanhas, assume o nome de *poceca* ou *poceta* (Rapa, Prados, Faia), *pocinha* ou *poça* (Corujeira), *castanha à cova* (Seia) e *pocilga* ou *pochilga das castanhas* (Manteigas). Em Vila Fernando (Guarda) era conhecido pelo nome de *jogo do botão*, pois eram usadas *marcas*, isto é, botões antigos de osso ou madeira. Em Nave de Haver, Poço Velho e Freineda (Almeida) tinha o nome de *jogo da bolota* ou *boleia*. Quando eram usados feijões como objectos de jogo, chamava-se *jogo do feijão* (Faia e Fernão Joanes, Vilar Formoso, Vila do Touro, Foz Cõa, Sabugal, Videmonte, Vila Boa do Mondego), *jogo da feijoca* (Muzela), *emboca dos feijões* (Famalicão da Serra), *cova do feijão* (Seia) e *bugigo com feijões* (Videmonte).

Na maioria das comunidades o jogo era realizado com bugalhos dos carvalhos, como o próprio nome indica: *bugalho* (Freineda, Vale de Estrela, Casal Vasco), *buguelho* (Ozendo), *bugalha* ou *bugalhinha* (Vale de Coelha, Vide, Muxagata, Foz Cõa, Penalva do Castelo e Urros e Carviçais, de Moncorvo).

Um aspecto curioso prende-se com o facto de o jogo assumir vários nomes, ou designações mistas, em quase todas as terras. Nestes casos, era conhecido também por *jogo do berlinde*, o que prova que este derivou dos antigos jogos realizados com pequenos frutos arredondados (castanhas, avelãs, feijões, nozes e bolotas) ou protuberâncias dos ramos dos carvalhos (*bugalhos*), mais tarde substituídos por esferas, berlindes ou *bilas* de chumbo, tijolo, vidro ou ferro. Efectivamente, o *jogo de berlinde*, que a iconografia e a literatura mencionam desde a antiguidade, era jogado na Grécia com ganizes, bolotas, castanhas e azeitonas, que os jogadores tentavam introduzir numa única poça. Também os Romanos o praticavam, utilizando sobretudo nozes e avelãs⁽⁶⁸⁾.

Em França, até ao séc. XVIII, eram usados "pequenos pedaços de madeira ou metal, grosseiramente esféricos", os *gobilles* (hoje *billes*). Depois começaram a ser perfeitamente redondos, feitos de pedra, vidro, ágata ou mesmo mármore⁽⁶⁹⁾.

Em Maceira (Fornos de Algodres) tem a designação de *jogo dos feijões*, *bugalhinha* ou *berlinde*, reflectindo a evolução a que aludimos.

O *jogo de berlinde* é; no entanto, mais complicado, uma vez

(68) - René Alleau, op. cit., pp. 40 e 41.

(69) - Idem, *Ibid.*

que nele são usadas três poças, geralmente dispostas em triângulo e, poucas vezes, em linha. Este pormenor, a técnica da pega e despedimento do berlinde e, bem assim, a sua total esfericidade, transformaram e dificultaram os aspectos técnicos e o acto táctico das formas mais modernas do jogo. Tal facto faz do berlinde um jogo de inquestionável interesse pedagógico, como Plaget referiu num dos seus livros⁽⁷⁰⁾.

O desenvolvimento do jogo da *castanha à cova*, geralmente exclusivo dos rapazes, sem atendermos às inúmeras pequenas variações, poderá ser explicado do seguinte modo:

Os jogadores, de uma *raia* situada a cerca de três metros, lançam uma castanha em direcção à *cova* (*poça*, *pocinha*, *poceta*, *pocilga*, etc.) procurando introduzi-la nesta, ou deixá-la o mais próximo possível. Deste modo, determinam quem será o primeiro a jogar, isto é, o *rei*.

O *rei* começa a jogar, lançando a partir da *raia* uma castanha para a *poça*. Se acertou na *poça*, lança uma segunda castanha, e assim sucessivamente, até falhar. Nesse momento joga um segundo jogador e, do mesmo modo, um terceiro, etc.. Todas as castanhas introduzidas na *poça* são guardadas pelo proprietário no final da jogada. Depois de este primeiro transe ter sido realizado por todos os jogadores, voltará a jogar o *rei*. Desta feita, porém, procurará com um *piparote* (também designado *batoque*, *pirolito*, *belisco* ou *chanchenete*) do dedo indicador ou do médio, introduzir na *poça* cada uma das castanhas que ficaram de fora após o lance inicial. As castanhas que entrarem na *poça* ficam a pertencer-lhe. Logo que o *rei* falhe um *piparote*, ou seja não introduza, num único golpe do dedo, uma das castanhas na *cova*, o segundo jogador "ganha a mão", da mesma forma, continuando a partida até que todas as castanhas tenham sido recolhidas. Quando isso suceder, tem lugar um novo jogo, determinando-se quem ficará *rei*, e desenrolando-se as jogadas do mesmo modo.

No início da partida, cada jogador dispõe de um determinado número de castanhas, igual para todos, geralmente de 4 a 10. Todavia, quando se jogava com nozes, essa quantidade costumava ser de 3 a 6 e, com botões, 2 a 3 unidades, o que reflecte o diferente valor atribuído aos objectos de jogo.

Jogo das Pedrinhas, Chinas, Necas ou Caquinhas⁽⁷¹⁾

Neste jogo, tão do agrado das rapariguinhas, utilizam-se sobretudo cinco pedras redondas do rio. Sem embargo, nos meses de Inverno, quando as castanhas abundavam, era usual em algumas localidades o uso de castanhas reboludas.

(70) - Jean Plaget, *Le jugement moral chez l'enfant*, PUF, 3ª Edição, Paris, 1969, pp. 1 a 70.

(71) - Este jogo possui ainda outras designações no distrito da Guarda: *mecas*, *goguinhas*, *pirulas*, *colto*, *cheta* ...

É uma actividade de coordenação óculo-manual, que exige rapidez e destreza digital.

Infelizmente, encontra-se hoje quase esquecida, substituída por outros entretenimentos, quantas vezes com muito menor interesse.

Não vamos explicar pormenorizadamente o jogo, por ser moroso e complicado nas suas diferentes etapas, sendo sempre possível conhecê-lo, recorrendo-se às mulheres idosas, que por certo o praticaram na infância e juventude.

Existe um sem número de variantes mas, em todos os casos, torna-se necessário atirar uma ou mais pedrinhas (ou castanhas redondas) ao ar, e, antes de a(s) apanhar, levantar um determinado número de outras do solo, sem tocar (*bultr*) as restantes.

A terminologia usada pelos jogadores é curiosa: à *primeira*, à *segunda*, à *terceira*, ao *pino*, (ou *malhão*), à *malguinha*, à *concha*, ao *garfo*, ao *deixa*, ao *tira e deixa*, à *mão cheia*, ao *arco*, (*ponte* ou *pontão*), ao *peito*, ao *colo*, (ou à *bainha*), ao *beijo*, aos *pulinhos*, *deitar ao ar*, à *cantareira*, às *casinhas*, ao *buraquinho*, *de cota*, *sem bultr* ...

Jogo do Rapa, Rafa ou Rifa

É um jogo aleatório que há anos se jogava em quase todas as casas, especialmente no Inverno, ao serão. Parece ter sido inventado pelos Romanos, que lhe chamavam *Totum*, de que derivou a designação francesa *toton*⁽⁷²⁾.

O rapa é um pequeno pião com 4 faces planas, nas quais estão desenhadas as letras R, T, D, P.

Joga-se a prémios (ou apostas), combinados previamente pelos participantes: castanhas, nozes, fósforos, feijões, botões, avelãs, amêndoas...

O pião, agarrado pela cabeça, ou coroa, é posto a rolar (*bailar*) numa roda, onde os prémios são colocados. Dela não poderá sair, sob pena de o jogador "*perder a mão*" na jogada seguinte.

As letras do rapa correspondem ao seguinte: R (rapa, isto é, o jogador recolhe todos os prémios existentes na mesa), T(*tira*, ou seja, apanha apenas um), D (*deixa*, *passa de mão*) e P(*põe*, quer dizer, tem de colocar um prémio na mesa).

Quando os pais não compravam um rapa nas feiras, eram as crianças mais velhas que o talhavam, à navalha, de um pau mole e jeitoso.

Hoje já pouco se joga e, quando isso acontece, utiliza-se geralmente um rapa de plástico.

(72) - Claude Aveline, *Le code des Jeux*, livr. Hachette, Paris, 1961, pp. 522 e 523.

A Castanha e a Corrida de Burros

A castanha é considerada, nos meios rurais, um alimento muito substancial, reservando-se os frutos menos sãos (ditas castanhas *funecas*, *chochas*, *bichadas*, *bichosas*) aos suínos, burros e cavalos.

Em Carviçais (Concelho de Moncorvo), na altura em que os sacos de castanhas eram carregados em burros, os homens organizavam corridas entre os animais, desde o souto até à povoação. Antes da competição, porém, os donos forneciam aos jumentos uns punhados de castanhas amassadas com uma pedra, no intuito de os cevarem para a corrida⁽⁷³⁾. A castanha funcionava, aqui, como uma espécie de *doping* fornecido aos asnos concorrentes à aludida prova.

(73) - Informação prestada por Maria José Teixeira, ENEIG, 1985.